

UNIVERSIDADE
DE MINAS
GERAIS

6

1943

UNIVERSIDADE
DE MINAS
GERAIS

1950

8

17

REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

NÚM.

11

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

ANO IV
1955

1955

JANEIRO
1962

ABSTRACT

Academic journals and scientific reviews have a long historical trajectory that goes way beyond the nineteenth century's private dissemination of philosophical thinking and revolutionary ideals. Thus, this article accomplishes two main tasks: 1) it places the current retake of the *Revista da UFMG* within both a national and broader international historical framework; 2) it shows how internal changes reflected specific aesthetic, social, political and moral questions in local scientific scenario.



A REVISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

JOÃO ANTONIO DE PAULA

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento/Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Professor Titular do Departamento de Ciências Econômicas e do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional - Cedeplar/UFMG

Introdução

Não seria possível considerar em detalhe, neste texto, a decisiva importância de revistas na vida política e cultural das sociedades. Busca-se aqui reconstituir a história de uma revista na vida de uma instituição universitária pública, o que determina consideráveis diferenças quando se a compara com as vicissitudes de revistas nascidas de motivações de indivíduos, grupos, partidos etc.

De todo modo, em que pese às diferenças significativas, todas as revistas, públicas ou não, fazem parte do complexo território que Jürgen Habermas chamou de “esfera pública”. Com efeito, tanto jornais e revistas, quanto espaços públicos e privados abarcam a circulação de ideias, manifestações artístico-culturais, de símbolos, valores, opiniões, perspectivas, sensibilidades, conceitos, marcando os contextos nos quais surgem e são desenvolvidos (HABERMAS, 2003, p. 45).

As revistas são sínteses, aglutinações de tendências, de demandas, de desafios, de problemas. As revistas políticas e culturais são o repositório do que cada época

vive, daquilo que ela deixa como testemunho, como específico de sua experiência estética, política, social e moral.

Ainda que efêmeras, não raro as revistas são manifestações exemplares do quanto de novo, significativo e efetivamente marcante cada geração, grupo e instituição deixa como legado, como contribuição.

Na história do marxismo e do socialismo, tem particular importância a revista *Anais Franco-Alemães (Deutsch-Französische Jahrbücher)*, lançada em Paris, em 1844, na qual Karl Marx (1818-1883)¹ e Friedrich Engels (1820-1895) irão publicar os trabalhos inaugurais de uma nova concepção filosófica, teórica e política, sintetizada na expressão “*crítica da economia política*”. Esta representava tanto uma ruptura para com as grandes tradições do pensamento burguês, quanto a firme adesão à perspectiva da revolução proletária (RUBEL, 1970).

Seja no plano pessoal, no qual são fortes as idiossincrasias, seja no plano geral das escolhas e percepções coletivas, somos, decisivamente, marcados pelo que lemos. E se o livro parece ter um compromisso com o permanente, com a continuidade, a revista, sem ter a fugacidade do jornal, convoca o novo, solicita adesão, cobra urgência, atualiza e desafia, reivindica, anuncia.

Particularmente exemplar dessas características é a revista russa *Kolokol*, palavra que pode ser traduzida como “sino” ou “campainha” e que dá a perfeita ideia do que se quer defender aqui: a revista como chamada, como convocação, como aviso, como alerta, como mobilização. No caso de *Kolokol*, a mobilização da “intelligentsia” russa, em meados do século XIX, era contra a autocracia, contra o obscurantismo russo, reivindicando renovação estética e cultural.

Kolokol, fundada por Alexander Herzen (1812-1870) e Nicolai Ogarev (1813-1877), não foi capaz de aglutinar toda a intelligentsia russa, pois foi vista como politicamente moderada por correntes como as lideradas por Tchernichevski (1828-1889) e Bakunin (1814-1876). Estas irão se desdobrar nos movimentos populista e anarquista, que terão grande presença, a partir da segunda metade do século XIX, na vida russa (BERLIN, 1988; CARR, 1969).

Certas revistas são decisivas representações de seus tempos. É assim que, na vida cultural francesa do século XX, fala-se de uma época dominada pela *Nouvelle Revue Française*, fundada em 1909, e de sua figura central, André Gide (1869-1951); como se fala também da marcante presença de *Les Temps Modernes*, fundada em 1945, e de seu grande nome, Jean Paul Sartre (1905-1980) (WINOCK, 2000).

Em Portugal, a renovação, a atualização político-cultural deu-se pela atuação de

1 • As datas de nascimento e falecimento de autores e editores das revistas serão indicadas quando possível.

“gerações” que se sucederam a partir da chamada “geração de 1870”, liderada por Antero de Quental (1842-1891); pela geração dos chamados “vencidos da vida”, que tem Eça de Queiroz (1849-1900) como seu nome referencial; pela geração sintetizada na figura de Antônio Sérgio (1883-1969); pela geração da revista *Orpheu*, cujo maior nome é Fernando Pessoa (1888-1935).

Estas gerações tiveram suas revistas: a *Revista de Portugal*, fundada em 1889 por Eça de Queiroz; a revista *Pela Grei*, de 1918, dirigida por Antônio Sérgio e precursora da revista *Seara Nova*, de 1921 (SARAIVA; LOPES, s.d.). Tais publicações, bem como os grupos que as editaram, são tributários da decisiva lição de Antero de Quental na chamada *Questão Coimbrã*, de 1865, e nas *Conferências do Cassino*, de 1871, as quais marcaram a vida política e cultural de Portugal com um sopro renovador e mesmo revolucionário (QUENTAL, 1973; REVISTA COLÓQUIOS/LETRAS, 1992; TORRES, 1967).

Em Portugal, o Modernismo surgiu com a revista *Orpheu*, lançada em 1915, e dirigida por Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro (1890-1916). A ela se seguiram as revistas *Centauro*, de 1916; *Portugal Futurista*, de 1917; *Athena*, de 1924; e *Presença*, de 1927 (PESSOA, 1960; SIMÕES, 1954).

É frequente que os títulos das revistas tenham um sentido programático. Quando, em 1908, Endre Ady (1877-1919), o grande poeta húngaro, deu o nome de *Nyugat* (ocidente) à revista que fundou, o que se buscava era renovar a vida intelectual húngara mediante uma firme abertura para a cultura ocidental. É este, também, o propósito da *Revista de Occidente*, fundada em 1923, por José Ortega Y Gasset (1883-1955), em seu extraordinário esforço de atualizar tanto a cultura hispânica quanto a hispano-americana, divulgando entre nós, no Brasil inclusive, autores decisivos da cultura germânica. Têm a mesma intenção programática as revistas culturais argentinas *Proa*, fundada em 1922 por Jorge Luis Borges (1899-1986); a *Martin Fierro*,

Se o livro parece ter
um compromisso
com o permanente,
com a continuidade,
a revista, sem ter a
fugacidade do jornal,
convoca o novo,
solicita adesão, cobra
urgência, atualiza e
desafia, reivindica,
anuncia

de 1924, fundada por Oliverio Gironde (1891-1967); e *Sûr*, fundada, em 1931, por Victória Ocampo (1890-1979). Se *Proa* deu o sentido do movimento, *Martin Fierro* e *Sûr* também buscaram a vanguarda, reivindicando o sul, a cultura local como fundamento para a autêntica renovação cultural argentina (DE TORRE, 1965).

Essa mesma reivindicação do novo, da vanguarda literária manifestou-se em outras revistas latino-americanas: a revista cubana *Avance*, de 1927, fundada por Juan Marinello (1898-1977); a revista mexicana *Contemporáneos*, de 1928; a revista cuba-

Cada época, cada
geração escolhe
suas revistas e os
problemas que quer
enfrentar. Assim,
do ponto de vista
político-cultural, o
século XX foi tanto o
tempo do *Cahiers du
Cinéma* como o da
New Left Review

na *Orígenes*, de 1944-1956, dirigida por José Lezama Lima (1910-1976); as revistas mexicanas *Taller*, de 1938-1941, que teve Octavio Paz entre seus fundadores; *Hijo Pródigo*, 1943-1946; *Plural*, 1971; *Vuelta*, 1976. A revista peruana *Amauta*, fundada em 1926 por José Carlos Mariátegui (1895-1930), representou o encontro das vanguardas literárias europeias com a cultura incaica, tomada como instrumento indispensável para a construção de efetivo processo transformador, emancipatório (MAINER BAQUÉ, 1971; SCHWARTZ, 2008; PAZ, 1996).

Na Alemanha, a revista *Simplicissimus* (1896-1906) foi a grande porta-voz

da contestação ao burocratismo, militarismo, clericalismo e autoritarismo que deram a tônica do Império Guilhermino. A mesma disposição crítica e denunciadora é vista nas revistas *Der Sturm* (A Tempestade), fundada em 1910, e *Die Aktion* (A Ação), de 1911, as quais foram veículos marcantes do movimento expressionista alemão (JOHANN; JUNKER, 1970).

Cada época, cada geração escolhe suas revistas e os problemas que quer enfrentar. Assim, do ponto de vista político-cultural, o século XX foi tanto o tempo do *Cahiers du Cinéma* como o da *New Left Review*. Foi também o tempo da renovação teológica e filosófica representada pela revista *L'Esprit*, fundada em 1932 por Emmanuel Mounier (1905-1950); e foi também o da revista *The Criterion*, fundada em 1922 por T. S. Eliot (1888-1965). Esta última circulou até 1939, abrigando poetas e posições como as de W. H. Auden (1907-1973) e Stephen H. Spender (1909-1995),

que em tudo divergiam do classicismo aristocratizante de seu fundador (CARPEAUX, 1966, vol. VII). Outra publicação célebre é a *Revue des Deux Mondes*, fundada em 1829 por François Buloz (1803-1877), e que publicou todos os grandes nomes da literatura e cultura europeia por mais de cem anos.

Como disse Perry Anderson, a influência das revistas pouco está relacionada com a sua duração:

O tempo de vida das revistas não diz nada sobre sua repercussão. Um punhado de números e uma extinção abrupta podem contar mais para a história de uma cultura do que um século de publicação contínua. Em seus três anos de vida, a *Athenaeum* colocou o romantismo alemão em órbita. Os fogos de artifício da *Revue Blanche*, a primeira revista de uma vanguarda moderna, acenderam Paris somente por uma década. A revista *Leff* fechou em Moscou depois de sete números. E, no entanto, apesar de efêmeras essas foram publicações que estiveram no centro de renovações estéticas, filosóficas e políticas. (ANDERSON, 2000, p. 7).

Revistas científicas e filosóficas

Vivemos numa época em que o conhecimento científico é veiculado, em grande parte, por revistas científicas. É também uma época que valoriza, exaltadamente, a velocidade; em que a busca do conhecimento novo, com finalidades utilitárias ou não, é a regra e o instrumento da afirmação de prestígio e de acesso a recursos financeiros.

Sobre isto, sobre a ditadura do “*publish or perish*”, tem-se escrito muito, seja para alertar para os inconvenientes de uma produção tão hipertrofiada quantitativamente e irrelevante do ponto de vista qualitativo, seja para reconhecer os inegáveis ganhos sociais decorrentes da expansão da pesquisa científica e tecnológica, que vem crescendo vertiginosamente nas últimas décadas.

Com efeito, desde 1665, ocorreram várias revoluções nos modos de produção e de difusão do conhecimento científico e tecnológico, as quais resultaram na consolidação da universidade com perfil de pesquisa. Desde então, surgiram: *Le Journal des Sçavans*, na França; a *Philosophical Transactions of the Royal Society*, na Inglaterra; até as revistas líderes da divulgação científica contemporânea, como a *Nature*, fundada em 1869 pela *American Association for the Advancement of Science*; e a *Science*, fundada em 1880 pelo professor Norman Lockyer, do *Imperial College*, na Inglaterra. A partir de 1810, com a fundação da Universidade de Berlim, teve início a efetiva

profissionalização e institucionalização da atividade científica e a constituição de “sistemas nacionais de inovação”. Estes últimos foram definidos por Christopher Freeman como uma rede de instituições dos setores público e privado, cujas atividades e interações geram, impactam, modificam e difundem novas tecnologias (FREEMAN, 1987).



LUCIANO BAÊTA

Uma visão de conjunto da história do desenvolvimento científico mundial aponta a existência de centros e mudanças hegemônicas: da Itália para a Inglaterra, na metade do século XVII, e daí para a França na segunda metade do século XVIII, depois para a Alemanha por volta da metade do século XIX, e depois para os Estados Unidos, a partir dos fins da década de 1930. (BEN-DAVID, 1974, p. 257).

O que importa destacar aqui é que, desde meados do século XIX, a pesqui-

sa científica, nas mais variadas áreas, expandiu-se qualitativa e quantitativamente, ao mesmo tempo em que houve diversificação, especialização e fragmentação dos campos de conhecimento.

São espantosos os avanços alcançados, a partir de meados do século XIX, pela ciência alemã no campo das ciências físicas, agrônômicas, biológicas, da saúde e das tecnologias: 1) em 1876, Robert Koch (1843-1910) descobriu o agente patogênico do carbúnculo, da tuberculose e do cólera, transformando-se no fundador da bacteriologia; 2) em 1890, Emil von Behring (1854-1917) desenvolveu o soro contra a difteria, criando, com isso, a soroterapia; 3) Paul Erlich (1854-1915) criou a quimioterapia; 4) Justus von Liebig (1803-1873) fundou a agroquímica moderna, impactando fortemente o desenvolvimento da produção agrícola; 5) em 1866, Werner von Siemens (1816-1892) descobriu o princípio da eletrodinâmica e construiu sua máquina a dínamo; 6) em 1913, Fritz Haber (1868-1934) e Carl Bosch (1874-1940) obtiveram amoníaco a partir do nitrogênio atmosférico e do hidrogênio, o que determinou mudança radical em toda a técnica de procedimentos químicos; 7) em 1876, Nikolaus August Otto (1832-1891), em Colônia, construiu uma máquina de êmbolo movida por combustível, para a qual introduziu, pela primeira vez, o sistema de quatro tempos, isto é, o primeiro motor a gasolina; 8) entre 1893 e 1897, Rudolf Diesel (1858-1913) inventou e desenvolveu, em Augsburg, o motor que depois passou a levar o seu nome; 9) constituiu-se o núcleo da imagem científico-material do mundo do nosso tempo com os trabalhos de Max Planck (1858-1947), em 1900, sobre teoria quântica; os de Albert Einstein (1879-1955), em 1905 e 1916, sobre a teoria especial e geral da relatividade, respectivamente; bem como os trabalhos de teoria quântica, desenvolvidos entre 1925 e 1927 por Werner Heisenberg (1901-1978); 10) em 1939, Otto Hahn (1879-1968) descobriu a fissibilidade do urânio (MASSOW, 1986, p. 10).

Toda essa vigorosa produção científica foi vastamente veiculada em revistas científicas, como *Anais Matemáticos*, fundada em 1867; ou como *Anais de Física*, fundada em 1889, a qual publicou, em 1905, os trabalhos fundamentais sobre a “Teoria Especial da Relatividade”, seguidos, em 1914-15, da “Teoria Geral da Relatividade”. Já na revista *Espaço e Tempo* (*Raum und Zeit*), editada na Universidade de Göttingen pelo matemático russo Hermann Minkowsky (1864-1909), Einstein apresentou os fundamentos matemáticos da teoria especial da relatividade (JOHANN; JUNKER, op. cit.).

As impressionantes demonstrações de vitalidade da pesquisa científica e tecnológica contemporânea são resultados concretos da vigência de vigorosos sistemas nacionais de inovação que incluem, além de universidades, institutos de pesquisa,

museus, bibliotecas, centros de informação especializada e uma rede de publicações científicas.

De fato, a expressiva liderança científica alemã, alcançada entre a segunda metade do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, não se limitou às ciências físico-naturais. Foi também notável a contribuição alemã para a criação daquelas que Wilhelm Dilthey (1833-1911) chamou de “ciências do espírito”, influenciando a so-

A vitalidade da
pesquisa científica
e tecnológica
contemporânea
resulta da vigência de
sistemas nacionais
de inovação que
incluem, além de
universidades,
institutos de
pesquisa, museus,
bibliotecas, centros
de informação
especializada e uma
rede de publicações
científicas

ciologia, a ciência política e a história a partir de nomes como Max Weber (1864-1920), Werner Sombart (1863-1941) e Georg Simmel (1858-1918). Para estes, a revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* constituiu a grande referência (WEBER, 1995, p. 282-283).

Archiv foi o veículo por excelência da afirmação das ciências sociais alemãs, contemporânea de esforços igualmente importantes das ciências sociais francesas, representadas pela revista *Année Sociologique*, a qual foi fundada por Émile Durkheim (1858-1917) em 1896. No mesmo sentido, devem ser considerados os *Annales de Géographie*, fundados em 1891 por Paul Vidal de La Blache (1845-1918), e que buscaram a integração da geografia física à geografia humana.

A pesquisa histórica no século XIX teve extraordinário florescimento, o que o levou a ser chamado de “século da his-

tória”. De fato, de Leopold Von Ranke (1845-1886) a Jules Michelet (1845-1886), de Charles Darwin (1809-1882) a Karl Marx, a perspectiva histórica e a temporalidade se impuseram como dimensões inescapáveis dos fenômenos naturais ou sociais. Na França, o debate teórico e metodológico sobre as especificidades da historiografia e do discurso sobre a história foi travado por intermédio de três revistas: a *Revue Historique*, fundada em 1876 por Gabriel Monod (1844-1912), que adotou a perspectiva positivista na abordagem das questões históricas; a *Revue de Synthèse Historique*,

fundada em 1900 por Henri Berr (1863-1954), que buscou articular a história com outras ciências; e a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada em 1929 por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944). Esta última revolucionou o fazer historiográfico pela efetiva integração da história com as outras ciências sociais, pela superação da história tomada como fenômeno essencialmente político e pela busca de uma perspectiva globalizante da história, a qual deveria ser fundamentalmente pensada a partir de “problemas” (NOVAIS; SILVA, 2011).

Também complexo e diversificado foi o itinerário da pesquisa em economia. Consolidada como disciplina específica no final do século XVIII, a economia política experimentou, ao longo do século XIX, considerável diversificação com o surgimento de correntes que de modo algum caminharam para a convergência, rivalizando-se tanto teórica, quanto metodológica e ideologicamente. À grande tradição da economia política clássica, protagonizada pelas obras de Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823), sucederam-se correntes que tanto reivindicaram a tradição da economia política clássica, como os socialistas ricardianos, quanto as que a rejeitaram, como a chamada Escola Histórica Alemã e a corrente chamada por Marx de Economia Vulgar. Em 1871 e 1874, W. S. Jevons (1835-1882), Karl Menger (1840-1921) e Léon Walras (1834-1910) criaram o que se chamou de Escola Neo-clássica ou Marginalista, com a importante contribuição de Alfred Marshall (1842-1924). Na virada do século XIX para o XX, a partir da obra de Thorstein Veblen (1857-1929), constituiu-se ainda a Escola Institucionalista. Nascida nesse contexto é a crítica da economia política, desenvolvida por Marx e Engels, cujos propósitos são radicalmente disruptivos com relação ao próprio objeto da economia política, isto é, o modo de produção capitalista.

Desde a segunda metade do século XIX, essas correntes vão experimentar expressivos desdobramentos, transformações e refinamentos teóricos e metodológicos como resultado das transformações do capitalismo. A Segunda Revolução Industrial e a consolidação do capital monopolista, ocorrida com a expansão imperialista, irão impactar no conjunto do pensamento político e social e, em particular, na comunidade de economistas, que se expandiu e se diversificou por diversas razões: pela exacerbação da perspectiva liberal, como é o caso da chamada Escola Austríaca de Economia, cujo exemplo maior é a obra de Friedrich Hayek (1899-1965); pela consolidação da perspectiva que vê a necessidade recorrente de intervenção estatal sobre o funcionamento dos mercados capitalistas, como é a posição de John Maynard Keynes (1883-1946); pela emergência de variadas perspectivas, que acham

indispensáveis as políticas sistemáticas e específicas que visam à superação do desenvolvimento econômico, como é o caso da obra do grande economista brasileiro Celso Furtado (1920-2004).

Todas essas correntes, bem como suas variantes, deram-se a conhecer e buscaram afirmação por intermédio de debates travados, sobretudo, em revistas de economia. É isso que explica, desde o século XIX, a expressiva quantidade e diversidade teórica e ideológica das revistas de economia. Uma das primeiras publicações a se dedicar, especificamente, aos temas econômicos foi o *Journal des Économistes*. Fundado na França, em 1842, nele se agruparam fervorosos defensores da ordem capitalista, como é o caso emblemático de Frédéric Bastiat (1801-1850), conhecido como o teórico das “harmonias econômicas”. Outra publicação importante no campo da economia, conquanto fora do mundo acadêmico, é a longeva porta-voz do liberalismo, *The Economist*, fundada em 1843 e ainda em circulação.

Mais do que em qualquer outro campo das ciências sociais, a economia é objeto de disputa permanente, de controvérsias e de polêmicas que, por serem expressões de interesses e perspectivas de grupos e classes sociais, estão longe de caminharem para qualquer espécie de convergência, de apaziguamento que significasse, por sua vez, a vitória de um “paradigma” e a imposição de uma época de “ciência normal”, nos termos de Thomas Kuhn (KUHN, 1975). De fato, no campo da economia, em particular, e das ciências sociais, em geral, o que prevalece é o conflito de perspectivas e a ausência de consenso, o que não exclui a existência de hegemonias. Elas também se manifestam fortemente na economia, como se pode ver, em grandes linhas, na sequência de escolas hegemônicas que têm marcado o pensamento econômico nos últimos 200 anos: classicismo, neoclassicismo, keynesianismo, etc.. Em grande medida, essas escolas têm tido os seus núcleos mais fortes na Inglaterra e nos Estados Unidos, não por acaso potências líderes do desenvolvimento capitalista neste mesmo período.

De um lado, são complexas as relações entre a hegemonia de uma certa corrente de pensamento econômico e sua efetiva capacidade heurística, isto é, sua real capacidade de explicar a realidade econômica. De outro lado, a adesão ou não ao pensamento econômico hegemônico não é garantia de melhor ou pior desempenho das economias reais dos países, como se vê no caso exemplar da Alemanha, que jamais absorveu nem o pensamento econômico clássico, nem o neoclássico (PARSONS, 1967, p. 97), sem deixar de ser, contudo, a grande economia que tem sido desde a segunda metade do século XIX.

Para todos os efeitos, as hegemonias que se têm imposto no campo do pensamento econômico visam a legitimar estruturas de poder simbólico, político, institucional e ideológico, cujas manifestações mais contundentes se expressam tanto na esmagadora maioria dos chamados prêmios Nobel de economia, atribuídos a praticantes do pensamento econômico hegemônico, como na acachapante predominância e hipertrofia do prestígio das revistas acadêmicas de economia ligadas a essas correntes. Este é o caso da *American Economic Review*, fundada em 1911 e ligada a *American Economic Association*; do *Economic Journal*, fundado em 1891, ligado a *Royal Economy Society*; do *Journal of Political Economy*, fundado em 1892, na Universidade de Chicago; do *Quarterly Journal of Economics*, fundado em 1886, pela Harvard University Press; além da *Econometrica* e da *Review of Economic Studies*, fundadas em 1933. Em um texto de 1971, John Fletcher (1971, p. 51) disse o seguinte: “There are two outstanding prestige journals in economics, journals in which all economists seek to have their papers published: *American Economic Review* and *Economic Journal*.”

Fale-se agora das revistas filosóficas, destacando-se, inicialmente, duas. A primeira é a *Revue de Métaphysique et Morale*, fundada em 1893, que foi o grande veículo do debate filosófico na primeira metade do século XX. A segunda é a revista *La Crítica*, dirigida por Benedetto Croce (1866-1952) a partir de 1903 e que teve a participação, durante certo tempo, de Giovanni Gentile (1875-1944), tendo sido um decisivo instrumento da luta político-ideológica do ponto de vista do pensamento liberal europeu (DUJOVNE, 1968, p. 18).

A produção filosófica no final do século XIX e início do XX concentrou-se em poucos países: Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Itália, França. Ela ainda era fortemente marcada pela filosofia escolástica e neoescolástica, a julgar pelas revistas *Revue Thomiste*, fundada em 1876; *Revue Néoscholastique de Philosophie*, de 1898; *Rivista di filosofia neoscholastica*, de 1919; e *Scholastik: Vierteljahresschrift für Theologie und Philosophie*, de 1926.

Foram criadas revistas para acompanhar a produção filosófica corrente, como o *Giornale Critico della Filosofia Italiana*, de 1920; o *Blätter für Deutsche Philosophie*, de 1927; e revistas de filosofia no âmbito anglo-saxão, como o *Journal of Philosophy*, de 1904; o *Philosophical Review*, de 1922; a *Philosophy of Science*, de 1934; e o *Journal of the History of Ideas*, de 1940. Registre-se ainda como importante exemplo de perspectiva científica interdisciplinar a revista *La Pensée* (*Revue du rationalisme moderne Arts. Sciences. Philosophie*), fundada por Paul Langevin (1872-1946) em 1939.

Não se veja na ampla presença de revistas de países do capitalismo central um

indicador da ausência de vida cultural significativa nos países periféricos. De fato, a periferia do capitalismo foi matriz de significativo processo de atualização político-cultural a partir do final do século XIX. O ponto de partida desse processo confunde-se com a emergência do “modernismo”, palavra-movimento que nasceu do poeta nicaraguense Rubén Darío (1867-1916). Este influenciou, com o seu livro *Azul*, de 1888, várias correntes da renovação estética na América hispânica e na própria Espanha (ANDERSON, 1999). Essa tradição de divulgação da cultura erudita cosmopolita na América Latina é confirmada pela colombiana *Eco, Revista de cultura do occidente*, fundada em 1957, em Bogotá, e editada pela Librería Buchholz.

As revistas no Brasil

Sabe-se que a proibição da imprensa no Brasil, que vigorou até 1808, não impediu que ideias aqui circulassem, nem mesmo ideias contestadoras da ordem colonial e do Antigo Regime. De todo modo, é somente após 1830 que a vida cultural brasileira será irrigada com a publicação regular de livros, revistas e jornais. No campo da literatura, a corrente que vai se reclamar fundadora de uma literatura nacional será o romantismo. Seu órgão-manifesto será a *Nitheroy, Revista Brasiliense*, impressa em Paris, em 1836, sob a direção de Francisco Sales Torres Homem (1812-1876), Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e Manoel José de Araújo Porto Alegre (1806-1879). Do mesmo esforço de construção nacional, característico do governo regencial, é a criação, em 1838, do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Sua revista foi lançada logo no ano seguinte, sob a direção do Cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), sendo, certamente, a revista mais antiga em circulação no Brasil.

A partir da segunda metade do século XIX são criadas, no Brasil, várias revistas de entretenimento e cultura geral, dentre as quais se destacam: a *Semana Illustrada*, fundada por Henrique Fleiuss, e que circulou entre 1860 e 1876; a *Revista Illustrada*, dirigida por Angelo Agostini, com circulação entre 1876 e 1879; as revistas de Bortaldo Pinheiro, *O Besouro*, em circulação entre 1878 e 1879, e *Psit!!!*, de 1877. Além destas, temos a revista *Rua do Ouvidor*, que circulou entre 1898 e 1913; a *Ilustração Brasileira*, em circulação entre 1901 e 1959; *O Malho*, que circulou entre 1902 e 1954; a *Avenida*, entre 1903 e 1905; o *Tico-Tico*, de 1905 a 1959; *Fon Fon*, de 1907 a 1958. Também existiram *Leitura para Todos*, que começou a circular em 1905; e

Careta, que circulou a partir de 1908, dentre muitas outras que marcaram gerações de leitores brasileiros (LIMA; RIBEIRO, 1992; VELLOSO, 2008).

No campo das revistas literárias, a lista é igualmente longa e diversificada. A *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, organizada por Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza, registra a existência de mais de noventa revistas literárias no Brasil. Não há propósito em listar todas elas, sendo suficiente a menção de algumas por seu significado para a vida cultural brasileira. Este é o caso da *Revista da Sociedade*

A proibição da
imprensa no
Brasil, que vigorou
até 1808, não
impidiu que
circulassem ideias
contestadoras da
ordem colonial e
do Antigo Regime,
mas é somente
após 1830 que
a vida cultural
brasileira será
irrigada com a
publicação regular
de livros, revistas e
jornais

Phenix Litteraria, que circulou entre 1878 e 1879; da *Gazetta Litteraria*, publicada entre 1883 e 1884. Com o nome de *Revista Brasileira* foram publicadas no Brasil, desde 1830, sete revistas, com destaque para os períodos de 1857-1861, 1879-1881 e 1895-1900. Também merecem registro: a *Revista Americana*, publicada entre 1909 e 1919; a *Revista do Brasil*, fundada em 1916, em suas diversas fases; e a *Revista do Livro*, órgão do Instituto Nacional do Livro, fundada em 1956 (COUTINHO; SOUZA, 2001, v. 2).

O movimento modernista buscou demarcar suas diferenças com relação à literatura que lhe antecedeu graças à criação de revistas como a *Klaxon*, de 1922/23, publicada pelos modernistas de São Paulo; a revista *Estética*, editada no Rio de Janeiro por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Prudente de Moraes Neto (1904-1977), entre 1924 e 1925; a *Festa*, do grupo modernista católico, editada no Rio de Janeiro por Tasso da Silveira (1895-1968) e Andrade Murici (1895-1984) nas suas duas fases: de

1926 a 1929; e de 1934 a 1935. Na primeira fase (1928-29), a *Revista de Antropofagia*, do grupo modernista de São Paulo, foi dirigida por Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) e Raul Bopp (1898-1984). Em sua segunda “dentição”, conforme denominou Oswald de Andrade (1890-1954), a *Revista de Antropofagia* circulou como su-

plemento do *Diário de São Paulo* por 16 números, isto é, de março a agosto de 1929.

Também de primeira hora foi o modernismo mineiro e suas publicações: *A Revista*, editada em Belo Horizonte entre 1925 e 1926, dirigida por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Emílio Moura (1902-1971), Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo (1904-1968); a revista *Verde*, publicada em Cataguases, entre 1927 e 1928, sob a direção de Enrique de Resende (1899-1973), Rosário Fusco (1910-1977), Guilhermino César (1908-1993) e Francisco Inácio Peixoto (1909-1986); a revista *Eléc-*

trica, editada em Itanhandu, entre 1926 e 1929, dirigida por Heitor Alves (1898-1935) e Heli Megale (1903-1982). Liste-se, ainda, o suplemento *Leite Criôlo*, publicado pelo jornal *Estado de Minas*, em 1929, dirigido por Guilhermino César (1908-1993), João Dornas Filho (1902-1962) e Aquiles Vivacqua (1900-1942) (DOYLE, 1976; WERNECK, 1992; RUFFATO, 2002).

O número de janeiro-junho de 2008 da *Revista do Arquivo Público Mineiro*, que é publicada desde 1896, traz um dossiê sobre a história da imprensa e da vida política e cultural de Minas Gerais. Nele, há um artigo sobre a primeira revista literária de Minas, o *Recreador Mineiro*, que circulou em Ouro Preto entre 1845 e 1848. Esta última abordou temas filosóficos, históricos, de economia, direito, além de publicar crítica literária, ficção, poesia e divulgação científica (DRUMMOND, 2008).

As gerações
literárias mineiras
que se seguiram
ao modernismo
também criaram
revistas. Em
1946, foi criada
a revista *Edifício*,
reunindo nomes
que, mais tarde, se
notabilizaram no
cenário cultural
brasileiro

As gerações literárias mineiras que se seguiram ao modernismo também criaram revistas. Em 1946, foi criada a revista *Edifício* – cujo título faz referência a um poema de Carlos Drummond de Andrade –, que reuniu parte considerável da intelectualidade de Belo Horizonte, herdeira da lição modernista, mas igualmente impactada pela Segunda Guerra Mundial e as transformações e os desafios que se impunham então. *Edifício* foi a publicação que reuniu nomes que, mais tarde, se notabilizaram no cenário cultural brasileiro, como Otto Lara Resende (1922-1992), Paulo Mendes Campos (1922-1991), Hélio Pellegrino (1924-1988), Fernando Sabino (1923-2004), Sábato Magaldi (1927-), Autran Dourado (1926-2012), Francisco

Iglésias (1923-1999), Wilson de Figueiredo (1924-), entre outros nomes. De 1951 é a fundação da revista *Vocação*, por iniciativa de Rui Mourão (1929-), Fábio Lucas (1931-) e Fritz Teixeira de Sales (1917-1981). De 1956 é a revista *Complemento*, que teve entre seus criadores nomes como Silviano Santiago (1936-), Ivan Ângelo (1936-), Theotônio dos Santos (1936-), Ezequiel Neves (1935-2010). De 1957 é a revista *Tendência*, fundada por Affonso Ávila (1927-2012), Fábio Lucas (1931-), Rui Mourão, a qual se agregaram Maria Luiza Ramos (1926-), Laís Correia de Araujo (1927-2006) e Affonso Romano de Sant'Anna (1937-). Nos anos 1960, surgiram outras importantes publicações literárias em Minas Gerais, como as revistas *Estória*, *Texto*, *Vereda*, *Ptyx*, além do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, lançado em 1966 (WERNECK, op. cit.).

Registre-se ainda que, nos anos 1950, Belo Horizonte viu surgir duas revistas cinematográficas: a *Revista do Cinema*, em 1954, publicada pelo *Centro de Estudos Cinematográficos* e fundada por Cyro Siqueira (1930-), Guy de Almeida (1932-), Jacques do Prado Brandão (1924-2007) e José Roberto Duque Novaes; e a *Revista de Cultura Cinematográfica*, publicação da União de Propagandistas Católicos, fundada em 1957 (OLIVEIRA, 2003).

Não só revistas com um apelo renovador, vanguardista foram editadas em Minas Gerais no período aqui considerado, a exemplo das revistas *Alterosa*, lançada em 1939, e *Acaíaca*, que circulou a partir de 1948 (WERNECK, op. cit.). Lançada em 1839, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* foi a primeira de uma série de revistas que os institutos históricos regionais lançaram: o Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano lançou sua revista em 1863; o Instituto Histórico e Geographico de São Paulo, em 1895. Em 1876, o Museu Nacional lançou a revista *Archivos do Museu Nacional*. Em 1858, apareceram os *Anais da Academia Filosófica*; em 1851, os *Anais Meteorológicos do Rio de Janeiro*; em 1876, a *Revista do Instituto Politécnico*, do Rio de Janeiro; em 1881, os *Annales de l'Observatoire Imperial do Rio de Janeiro*; também em 1881, os *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto*; em 1885, a *Revista das Estradas de Ferro*. O Museu Paraense Emílio Goeldi lançou uma revista com o mesmo nome em 1894. Em 1866, foi lançada a *Gazeta Médica da Bahia*, primeira publicação sobre medicina do Brasil. Em 1887, ligada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, surgiu a revista *Brazil Médico*, que é publicada até hoje. Em 1909, apareceram as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, que em seu Tomo I, fascículo II, do mesmo ano publicou a extraordinária pesquisa de Carlos Chagas sobre a doença que acabou levando o seu nome. Entre as revistas publicadas pelas faculdades de Direito, a de Recife é de 1870; a de São Paulo é de 1893; e a de Minas Gerais, de 1894 (SCHWARCZ, 1993; LIMA; RIBEIRO, op. cit.).

A partir dos anos 1930, o Brasil vai experimentar considerável intensificação dos processos de modernização institucional, industrialização e urbanização. Uma revista que captou pioneiramente as transformações em curso e os desafios colocados para a sociedade brasileira, naquele contexto, foi a *Anhembi*, dirigida por Paulo Duarte (1899-1984) e que circulou entre os anos 1950 e 1960. Entre as pioneiras revistas científicas brasileiras no campo estão o *Boletim Geográfico*, editado pelo IBGE a partir de 1943; a *Revista Brasileira de Economia (RBE)*, editada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro a partir de 1948; a *Revista de História*, dirigida pelo professor Eurípedes Simões de Paula (1910-1977), da USP, a partir de 1950. Em 1966, apareceu a revista *Dados*, editada pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), voltada para os estudos de ciência política. Em 1988, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/FGV-RJ passou a editar a revista *Estudos Históricos*. Em 1981, a Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) passou a editar a *Revista Brasileira de História*.

Os anos 1940/60 irão assistir ao surgimento de várias revistas significativas no campo do debate cultural e das ciências sociais em geral. São revistas diferenciadas, sobretudo, por seus compromissos político-ideológicos. Se, por um lado, *Digesto Econômico* foi uma espécie de órgão oficial do pensamento empresarial paulista no campo cultural, particularmente no que se refere às questões econômico-sociais, por outro, a esquerda brasileira irá, nos anos 1950, criar revistas importantes: a *Revista Brasiliense*, dirigida por Caio Prado Júnior (1908-1991), que circulou entre 1955 e 1964; e a *Estudos Sociais*, revista ligada ao PCB que fora lançada em 1958, sob a direção de Astrogildo Pereira (1890-1965). Em 1977, foi lançada a revista *Temas de Ciências Humanas*, organizada por Marco Aurélio Nogueira (1949-), Gildo Marçal Brandão (1949-), José Chasin (1937-1998) e Nelson Werneck Sodré (1911-1999). Em 1988, a *Revista Presença* foi lançada por um grupo de marxistas do Rio de Janeiro, liderado pelo professor Luiz Werneck Vianna (1935-).

O golpe de 1964 significou, de imediato, a repressão ao debate cultural brasileiro. Contudo, a esquerda brasileira deu resposta significativa ao criar, em 1965, a *Revista Civilização Brasileira*, dirigida por Ênio Silveira (1925-1996) e, em 1966, a revista *Paz e Terra*, dirigida por Waldo A. César (1923-2007), que expressava o ponto de vista da esquerda católica. Também no âmbito do pensamento católico, foi lançada, em 1974, a revista *Síntese - Nova Fase*, editada pelos jesuítas. Em 1970, surge a *Revista de Cultura Vozes*, também ligada ao pensamento católico.

Igualmente significativa é a *Revista Tempo Brasileiro*, fundada em 1963. Dirigida

por Eduardo Portella (1932-), ela teve entre seus colaboradores iniciais nomes como Ignácio Rangel (1914-1994), Jesus Soares Pereira (1910-1974), Nelson Werneck Sodré, Maria Yedda Linhares (1921-2011), José Leite Lopes (1918-2006), Affonso Romano de Sant'Anna (1937-), Haroldo de Campos (1929-2003), entre outros nomes de valor da nossa vida intelectual (REVISTA TEMPO BRASILEIRO, 2002).

O quadro geral da cultura brasileira, sintonizado com o movimento pelas Reformas de Base e com as transformações sociais mais profundas da sociedade brasileira, foi profundamente alterado a partir de 1964. Ao clima geral de entusiasmo e urgência dessas transformações sociais, seguiu-se, primeiramente, a perplexidade e, logo depois, a convocação à resistência e à luta contra a ditadura. Com o AI-5, em dezembro de 1968, houve mudança considerável no quadro geral, tanto no plano econômico, com o chamado “milagre econômico”, como no referente à vida política e cultural, onde novas realidades se impuseram. Do ponto de vista de gran-

de parte da esquerda, o AI-5 levou à radicalização da luta, com a efetiva adoção da luta armada. Para a direita, núcleo dirigente da ditadura, o AI-5 foi o início de uma escalada repressiva brutal.

Nos anos 1960 e 1970, irão surgir várias iniciativas culturais importantes, do ponto de vista crítico e antiditatorial. Entre as iniciativas mais expressivas no campo editorial do período estão o lançamento do jornal *O Pasquim*, em 1969; do jornal *Opinião*, em 1972; da revista *Estudos CEBRAP*, também em 1972; da revista *Debate e Crítica e Argumento*, ambas em 1973; do jornal *Movimento*, em 1975; da revista *Contexto*, em 1976; dos jornais *Versus*, *Coojornal*, *O Bondinho*, *Em Tempo*, entre outros. Apesar da censura, foram estas publicações que, entre outras, promoveram o debate sobre as grandes questões nacionais e mundiais, funcionando também como núcleos de aglutinação e de organização de grupos políticos e intelectuais.

O golpe de 1964
significou, de
imediato, a
repressão ao debate
cultural brasileiro.
Contudo, a esquerda
brasileira deu
resposta significativa
ao criar as revistas
Civilização Brasileira
e *Paz e Terra*

As revistas na UFMG

A *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais* circulou, com interrupções, entre 1929 e 1969, sendo registro importante e expressivo dos primeiros tempos da universidade e do longo, laborioso e complexo processo de sua consolidação como instituição qualificada de ensino, pesquisa e extensão. Em suas páginas, em suas escolhas editoriais, nas transformações que a Revista experimentou até se tornar efetivo veículo de difusão de produção científica, artística e intelectual, é possível acompanhar as vicissitudes de uma universidade fundada em 1927 pela aglutinação de quatro faculdades: Direito, Odontologia e Farmácia, Medicina e Engenharia.

Hoje, com o relançamento da *Revista da UFMG* após uma longa hibernação, iniciada em 1969, é oportuno, em vários sentidos, reconstituir a sua história. De fato, uma leitura criteriosa da revista permite reconstituir momentos decisivos da consolidação da UFMG, da sua modernização institucional, do aperfeiçoamento do seu projeto acadêmico. Este processo envolve tanto a efetiva implantação da pesquisa como dimensão essencial da universidade contemporânea, como seu reiterado compromisso com o seu tempo, com as grandes questões que desafiam a nossa sociedade e sua plena emancipação.

O nome *Revista da UFMG* é de 1965, quando a Universidade de Minas Gerais (UMG), federalizada desde 1949, passou a se chamar Universidade Federal de Minas Gerais. Criada em 1927 por iniciativa do governo do Estado de Minas Gerais, a UMG jamais foi uma universidade estadual, como podem fazer parecer sua origem e a ajuda que vários governos estaduais lhe prestaram. De fato, a UMG nasceu como instituição livre, teve seus cursos equiparados aos cursos oficiais e suas faculdades reconhecidas, ao longo do tempo, até o momento da sua federalização. Às quatro

A Revista da
Universidade
Federal de Minas
Gerais circulou
entre 1929 e 1969,
sendo registro dos
primeiros tempos
da universidade
e do processo de
sua consolidação
como instituição
qualificada de
ensino, pesquisa e
extensão

faculdades iniciais, agregaram-se a Escola de Arquitetura, fundada em 1930 e incorporada à UMG em 02 de agosto de 1946; a Faculdade de Filosofia, fundada em 1939 e incorporada em 30 de outubro de 1948; e a Faculdade de Ciências Econômicas, fundada em 1941 e incorporada em 17 de fevereiro de 1948.

Foram incorporadas à UMG, posteriormente, a Escola de Veterinária e o Conservatório Mineiro de Música. Fundada em 1922, a Escola de Veterinária iniciou suas atividades em 1932, em Viçosa, tendo sido transferida para Belo Horizonte, em 1942, para ser incorporada, respectivamente, a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em 1948, e a UMG, em 30 de janeiro de 1961. Quanto ao Conservatório Mineiro de Música, ele foi fundado em 18 de março de 1925 e incorporado à UMG em 30 de novembro de 1962. A Escola de Enfermagem, fundada em 1933, foi federalizada e anexada à Faculdade de Medicina da UMG, em 04 de dezembro de 1950. Em 1963, foram incorporados à Reitoria da UMG os cursos de Belas Artes e Biblioteconomia e, em 1965, a Escola de Educação Física (BOLETIM INFORMATIVO, 1965).

A primeira revista da UFMG é anterior à sua própria criação. Fundada em 1892, a *Faculdade Livre de Direito do Estado de Minas Gerais* lançou a sua revista em 1894, editada sob a responsabilidade de uma comissão de redação composta por João Pinheiro da Silva (1860-1908), Sabino Barroso Júnior (1859-1919) e Augusto de Lima (1859-1934). Em seu primeiro número, além do editorial, escrito pelo então diretor da faculdade, Affonso Penna (1847-1909), a revista estampou os seguintes artigos: do poeta parnasiano Raymundo Corrêa (1860-1911) – que estava morando em Ouro Preto em virtude da repressão conduzida pelo Marechal Floriano Peixoto aos seus adversários políticos –, sobre a história de Roma; de Bernardino de Lima (1856-1924), sobre a legislação de Minas; de Augusto de Lima, sobre estudos sociais; de Francisco Catão (1864-1926), sobre higiene e ciências sociais; de Sabino Barroso Júnior, sobre a liberdade; de Virgílio Martins Melo Franco (1840-1922), sobre a formação da jurisprudência; e de Levindo Ferreira Lopes (1844-1921), sobre o esboço de um projeto de código de processo criminal. A última seção da revista chama-se “Factos e Notas”.

O segundo número da revista saiu em 1895, sob a responsabilidade da mesma comissão de redação, e trouxe artigos de Gonçalves Chaves (1840-1911), Affonso Penna, Camillo de Brito (1842-1924), Thomaz Brandão (1854-1917), Theóphilo Ribeiro (1843-1944), Raymundo Corrêa, Augusto de Lima e Affonso Arinos (1858-1916). Este último foi responsável por uma “Memória Histórica da Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais”, referente aos anos letivos de 1892 e 1894. Escrito por um grande



LUCIANO BAÊTA

mestre da literatura –, Arinos é autor de *Pelo Sertão*, obra-chave da literatura regionalista brasileira – a memória da Faculdade de Direito constituiu o primeiro registro sistemático da história da UFMG.

A revista da Faculdade de Direito foi a primeira de uma série de revistas que as diversas unidades da UFMG lançaram. Em 1929, a Faculdade de Medicina lançou os *Anais da Faculdade de Medicina*. Em 1936, foi a vez dos *Anais da Faculdade de Odontologia e Farmácia*. A revista da Faculdade de Filosofia, *Kriterion*, foi lançada em 1947. De 1949, são os *Arquivos da Escola de Veterinária*. Em 1952, apareceu a *Revista da Faculdade de Ciências Econômicas*. Em 1957, foi lançada a *Revista da Escola de Arquitetura* e, em 1962, a *Revista da Escola de Engenharia*.

Tanto no caso da Escola de Arquitetura quanto no caso da Escola de Engenharia, a publicação de artigos acadêmicos relevantes nas respectivas áreas deu-se, inicialmente, nas revistas dos diretórios estudantis das duas escolas, constituindo veículos importantes na divulgação técnica e científica nos anos 1940/50.

Além das revistas supramencionadas, que foram órgãos oficiais de suas respectivas unidades acadêmicas, surgiram e tiveram expressiva recepção nacional - e

mesmo internacional - as seguintes publicações: no âmbito da Faculdade de Direito, a *Revista Brasileira de Estudos Políticos* foi lançada em 1956, sob a direção do professor Orlando de Carvalho (1910-1998), e circula até hoje; ligada a Faculdade de Ciências Econômicas, a *Revista Brasileira de Estudos Sociais*, lançada em 1961 e dirigida pelo professor Júlio Barbosa (1920-2002).

Registre-se, ainda, os jornais e revistas estudantis pela importância política e cultural que tiveram, sejam os editados pelo DCE, sejam os publicados pelos Diretórios Acadêmicos. Impossível reportar toda a rica produção cultural dos estudantes da UFMG. Entre as publicações mais expressivas do Movimento Estudantil está a revista *Mosaico*, do DCE da UMG, lançada em 1959. Em seu primeiro número, publicou artigos de Silvano Santiago sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade; um conto de Ivan Ângelo; um artigo de Theotônio dos Santos Júnior sobre a Conferência de Genebra; um artigo de José Nilo Tavares e Simon Schwartzman sobre o nacionalismo no Brasil; um artigo sobre teatro e sociedade de Haroldo Santiago, entre outros. O segundo número da revista *Mosaico*, lançado em maio de 1960, dá conta de significativa radicalização política do movimento estudantil, tendo um número centralmente dedicado a explicitar a aliança operário-estudantil nos seguintes termos: “Na Aliança operário-estudantil, realizada para o nacionalismo, o desenvolvimento e a libertação econômica do Brasil e das classes operárias, deveria estar a grande meta.” (REVISTA MOSAICO, 1960, p. 3).

Dentre as revistas de Diretórios Acadêmicos, destaquem-se as publicações do Centro Acadêmico Afonso Pena. A revista *Coluna*, cujo primeiro número saiu em outubro de 1957, trouxe um artigo inédito do grande escritor francês Georges Bernanos. A partir de 1961, o Centro Acadêmico Afonso Pena lançou outra revista cultural, que se chamou *Plural*. O Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas publicou, entre 1965 e 1968, dois números da *Revista de Estudos Sociais* (RES). Reunindo artigos de estudantes e professores, a revista impressiona, ainda hoje, pela alta qualidade de suas publicações, a julgar pelos artigos que ela trouxe: de Antônio Octávio Cintra, o artigo “Sociologia Científica Fática”, publicado no número 1, em maio de 1965; e de Vilmar Evangelista Faria, o artigo “Sociologia: Ciência ou Ideologia?”, publicado no número 2, março-abril de 1968. Ambos são artigos importantes do debate que se travou então no Brasil sobre aspectos teórico-metodológicos das ciências sociais, e que envolveu ainda outros nomes da filosofia e das ciências sociais brasileiras, como José Arthur Giannotti, Wanderley Guilherme dos Santos e Fábio Wanderley Reis.

A história da *Revista da Universidade de Minas Gerais* pode ser dividida em três

fases: a primeira, que vai de 1929 até 1943, é a fase em que a revista funcionou como informativo oficial da vida da instituição, transcrevendo em sua parte geral: atos e decisões de seus órgãos deliberativos superiores; legislação e regulamentos; discursos de dirigentes e aulas magnas; pareceres e estudos sobre a vida universitária e alguns poucos artigos acadêmicos ao lado de relatos institucionais das unidades acadêmicas da universidade. A parte especial da revista era voltada para a crônica circunstanciada das unidades acadêmicas que compunham a UMG. A segunda fase da revista, que vai de 1950 a 1955, é um período de transição para a sua efetiva consolidação como revista acadêmico-científica. Finalmente, a terceira fase, de 1962 a 1969, é testemunha da consolidação da universidade, já consistentemente praticante de atividades de pesquisas que se desenvolviam em todas as áreas de conhecimento. A Tabela 1 reporta o quadro geral da Revista.

TABELA 1 - A Revista da Universidade de Minas Gerais
1929-1969

VOLUME /NÚMERO	TOMOS	DATA	NÚMERO DE PÁGINAS
	I	1929	519
I	II	1930	400
	III	1930	352
II	I	1932	254
	II	1933	148
3º	Único	1935	284
4º	Único	1936	176
5º	Único	1941	315
VI	Único*	1941/1942	263
VII	Único **	1943	161
8	Único	maio 1950	166
9	Único	maio 1951	191
10	Único ***	maio 1953	261
11	Único	1955	191
12	Único	jan. 1962	319
13	Único	jul. 1963	295
14	Único	set. 1964	209
15	Único	dez. 1965	271
16	Único	dez. 1966	328
17	Único	dez. 1967	237
18	Único	dez. 1968/69	284

Fonte: Revistas da UMG
1929-1969

* Circulou em 1943.

** Volume especial, edição comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Direito

*** Volume especial. Edição comemorativa dos 25 anos da Universidade de Minas Gerais.

A primeira comissão responsável pela revista foi composta pelos professores Aurélio Pires (1862-1937), Lúcio José dos Santos (1875-1944), Raphael Magalhães (1866-1928), Roberto de Almeida Cunha (1890-1958) e pelo estudante Paulo da Matta Machado.

A *Revista da UMG* foi lançada em 1929 e seu primeiro volume, disposto em três tomos, foi dividido em duas partes: Parte Geral e Parte Especial (REVISTA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS, 1929). Da parte geral, tomo I, fazem parte cinco seções: 1) legislação e outros ofícios; 2) atas do Conselho Universitário; 3) solenidades universitárias; 4) esboço histórico da Universidade de Minas Gerais, escrito pelo professor Aurélio Pires, da Faculdade de Medicina; 5) pareceres e trabalhos de interesse sobre o ensino superior, secundário, normal e primário no Brasil e em Minas Gerais, incluindo-se aí os regulamentos que disciplinavam o ensino em Minas nos níveis normal e primário.

Destaque-se, no tomo I da *Revista da Universidade de Minas Gerais*, lançado em 1929, o discurso do formando em Medicina, Pedro Nava, saudando a iniciativa de criação da Universidade de Minas Gerais (REVISTA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS, op. cit., p. 199-202). O tomo II, volume I, inclui, também, uma Parte Geral com seis seções e o início da Parte Especial, trazendo: o histórico da Faculdade de Direito; a transcrição da conferência do professor Sampaio Dória, intitulada “O Problema Democrático no Brasil”; os discursos do paraninfo e do bacharelado da turma de 1928; a memória histórica da Faculdade de Odontologia e Farmácia, escrita pelo professor Roberto de Almeida Cunha; e o artigo do professor E. de Paula Andrade, sobre tema de odontologia. Finalmente, o tomo III do volume I, Parte Especial, trata da história da Escola de Engenharia e da Faculdade de Medicina, incluindo ainda a conferência pronunciada pelo professor Eurico Villela sobre a ocorrência da moléstia de chagas nos hospitais de Belo Horizonte e na população de seus arredores.

O Tomo I do volume II da Revista foi publicado em 1932 e tem temática mais variada, com artigos do professor Lúcio dos Santos sobre engenharia; do professor Arthur Guimarães, sobre vigas; do professor Otto Rotte, sobre química; do professor Magalhães Drummond, sobre os rumos da sociedade brasileira; do professor Lúcio dos Santos, reitor da UMG, sobre Goethe; dos professores Linneu Silva, Ildeu Duarte, C. Laborne Tavares e Dr. Paulo Elejalde, sobre a chamada Síndrome de Garcin; mais dois artigos do professor Lúcio dos Santos e a tradução de um artigo de Paul Vanorden Shaw sobre José Bonifácio, o patriarca esquecido.

Revista da

UNIVERSIDADE FEDERAL de MINAS GERAIS

dezembro — 1968/1969

Porfírio Barba Jacob — Poeta da Angústia e da Morte	MÁRIO MENDES CAMPOS
Curso Integrado de Genética	HUMBERTO C. DE CARVALHO
A Literatura Hispano-Americana, Essa Desconhecida	MARIA JOSÉ DE QUEIROZ
Planejamento Universitário	JOSÉ DE ALENCAR CARNEIRO VIANA
Panorama do Patrimônio Artístico e Histórico de Minas	RODRIGO M. F. DE ANDRADE
Cadeira de Balanço	ANGELA VAZ LEÃO
Os nomes de Deus no Indo-Europeu e no Sêmico	R. C. ROMANELLI
Uma Vanguarda para Nosso Tempo	PIERRE SANTOS
Comenius	ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
Rodas Infantis	CRISTINA MATA MACHADO

NOTA DE LIVRO

ANEXO	O TERCEIRO FESTIVAL DE INVERNO
-------------	--------------------------------

DDC
18

BELO HORIZONTE

★

MINAS GERAIS

★

BRASIL

O tomo II, volume II, lançado em 1933, é, novamente, uma crônica das unidades acadêmicas da UMG. O tomo III, publicado em 1935, volume único, transcreve as Atas das Sessões do Conselho Universitário da UMG, de 24 de novembro de 1927 até 30 de março de 1935; ao final, ele traz três artigos de natureza jurídica, de autoria do professor Francisco Brant, e a transcrição das aulas inaugurais dos cursos de 1933, 1934 e 1935. O volume 4º, de 1936, transcreve aulas magnas universitárias e atas de reuniões do Conselho Universitário, do período de 06 de julho de 1935 a 18 de novembro de 1936. O volume 5º, lançado em 1941, reporta dados referentes aos corpos discente e docente das unidades acadêmicas da UMG, transcrevendo aulas magnas, discursos e atas do Conselho Universitário de 1º de fevereiro de 1937 a 22 de maio de 1940.

Os volumes VI e VII, de 1941/42 e 1943, respectivamente, não alteraram nem a forma nem o perfil temático da Revista, que continuou enfatizando a publicização de atos e aspectos internos da vida da instituição, com pequena presença de matérias propriamente acadêmicas.

Outro é o quadro com os volumes 8, 9, 10 e 11, publicados, respectivamente, em 1950, 1951, 1953 e 1955. Eles correspondem ao que se chamou aqui de segunda fase da Revista da UMG, na qual há efetiva inflexão no sentido de sua transformação em órgão de divulgação científica. Sob a responsabilidade de uma comissão formada pelos professores Oscar Versiani Caldeira, Francisco de Assis Castro e pelo estudante Olavo Jardim Campos, e tendo como redator técnico o professor Eduardo Frieiro (1889-1982), o volume 8 da revista, publicado em maio de 1950, apresenta mudança de forma e de conteúdo ao publicar oito artigos científicos e mais três textos: o discurso de posse do Reitor Octávio de Magalhães, uma saudação à escritora Carolina Nabuco e um necrológio do professor Alfredo Balena. Os artigos versaram temas de filosofia, biologia, matemática, literatura, educação, medicina e história. No volume 9, de maio de 1951, há artigos de medicina, agronomia, matemática, artes plásticas, história, física, geologia e filologia. O volume 10, de maio de 1953, foi dedicado às comemorações dos 25 anos de fundação da Universidade de Minas Gerais, com artigos retratando cada uma das unidades acadêmicas e aspectos gerais da universidade. A parte final da revista traz quatro artigos sobre os seguintes temas: a literatura de Machado de Assis; a teoria do conhecimento; a desertificação de Minas Gerais; os ácidos nucleicos. O volume 11 da Revista, de 1955, retoma a linha iniciada em 1950 de publicação de artigos científicos. A Tabela 2 apresenta o quadro geral da distribuição temática das matérias publicadas pela revista, de 1950 a 1969.

TABELA 2 - Distribuição dos artigos publicados por áreas do conhecimento
1950-1969

ÁREA	1950	1951	1953	1955	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968/69	TOTAL
1. ARTES PLÁSTICAS		I						I	I		I	4
2. ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA										I		I
3. AGRONOMIA		I										I
4. ARQUEOLOGIA					I							I
5. BIOLOGIA	2		I			I		I	I		I	7
6. DEMOGRAFIA							I	I				2
7. DIREITO				2					I		I	4
8. ECONOMIA						2				I		3
9. EDUCAÇÃO	2		I	I	I	2	I			I	2	II
10. ENGENHARIA				I		2	I					4
11. FARMÁCIA					I							I
12. FILOLOGIA		4			I				I		I	7
13. FILOSOFIA	I		I	I	3	I		I	2	I		II
14. FÍSICA		I					I	I				3
15. FOLCLORE					I	2					I	4
16. GEOGRAFIA										I		I
17. GEOLOGIA		I										I
18. HISTÓRIA	3	I			I	I	I		I	I		9
19. LITERATURA	I		I	I	2		3	2	3	2	3	18
20. MATEMÁTICA	I	I		2				I				5
21. MEDICINA	I	I		2	I			I				6
22. MEIO AMBIENTE			I									I
23. MINERAÇÃO					I							I
24. NUTRIÇÃO					I			I				2
25. ODONTOLOGIA				I								I
26. PATRIM. HIST. ART.											I	I
27. PESQ. CIENT.						I	I					2
28. PSICANÁLISE								I				I
29. PSICOLOGIA								I		I		2
30. PSIQUIATRIA					I	I	2	I		I		6
31. SOCIOLOGIA										I		I
32. TEATRO					I							I
33. URBANISMO										2		2
TOTAL	II	II	5	II	16	13	II	13	10	13	10	124

Fonte: Revistas da Universidade de Minas Gerais. 1950-1969.

Após nova interrupção, de 1955 a 1962, a revista voltou a circular com novo projeto gráfico e efetiva consolidação como órgão de divulgação científica de uma universidade que se modernizava e se aperfeiçoava. O número 12 da revista saiu em janeiro de 1962, sob a responsabilidade de uma comissão composta pelos professores José de Faria Tavares, Marino Mendes Campos e do estudante Edilson de Almeida Júpter. Entre 1962 e 1968/69, a Revista circulou regularmente, com a publicação de um número por ano. Nos dois últimos números, 17 e 18, publicados, respectivamente, em dezembro de 1967 e dezembro de 1968/69, a responsabilidade pela publicação passou a ser dividida entre uma “Comissão da Revista”, composta por dois professores e um estudante, e uma “Comissão de Redação”, composta por dois professores e pelo jornalista Plínio Carneiro.

Por ser a *Revista da UFMG* uma revista de interesse geral, não cabia reportar os avanços científicos específicos das diversas áreas do conhecimento. Ainda assim, ela é um expressivo registro do processo de amadurecimento e complexificação das atividades de ensino, pesquisa e extensão na UFMG, como se pode ver nos 124 artigos publicados em 33 áreas do conhecimento.

Em termos gerais, a generalização da pesquisa nas universidades brasileiras é resultado da implantação da pós-graduação a partir dos anos 1970. Contudo, antes disso, e em perspectiva avançada, a UFMG já vinha desenvolvendo considerável atividade de pesquisa em variadas áreas do conhecimento, fruto do pioneirismo e da excelência de alguns de seus professores e pesquisadores. Estes anteciparam a implantação da pesquisa na UFMG tanto em áreas consolidadas como arquitetura, engenharia, física, biologia, letras, filosofia, história, economia e ciências sociais, como em áreas de fronteira, como se vê no artigo sobre meio ambiente, de 1955, e em dois artigos sobre pesquisa científica, publicados em 1963 e 1964.